

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 3, 1984

Páginas 157 - 160

Estão a assassinar o português! 17 depoimentos

Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983

A respeito de um crime sem cadáver e sem mordomo

Sírio Possenti

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) de Portugal, preocupada com o que considera os pontapés diários atirados à língua portuguesa, resolveu solicitar a 68 escritores portugueses a opinião sobre o assunto. O pressuposto óbvio dos ideadores do livro a ser publicado com as respostas é o de que, por excesso de maus tratos, a língua portuguesa está a ser assassinada. Como só 17 das testemunhas aceitaram depor, houveram por bem concluir que o silêncio dos restantes significava concordância, e mais, resolveram, preocupados que estavam com a vitalidade da língua, declarar essa sua opinião de forma a fornecer-lhe um tonificante: qui tacet cum loqui potest et debet consentire videtur.

---

Sírio Possenti é professor do Departamento de Linguística do IEL - UNICAMP.

É possível que os editores tenham razão, mas a julgar pelos 17 depoimentos, não parece que os escritores portugueses imaginem que estarão sem o que fazer por falta de ferramenta dentro de pouco tempo, ou que tenham que exercer seu ofício com instrumento alienígena. É bem verdade que nas primeiras respostas transparece um certo ranço purista, um medo excessivo das gírias e dos falares dos ignorantes. Além disso, parece que a linguagem das telenovelas brasileiras mete medo aos mais conservadores. Mas, mesmo entre estes, a idéia de que a língua é um organismo vivo, que novidades podem ser incorporadas, ainda que insistam no cuidado com que tal deve ser feito, já é bastante clara. À medida que se avança na leitura, no entanto, percebe-se claramente que o medo do assassinato vai diminuindo. Mais do que isso: pelo menos a gama dos problemas apresentados como possíveis armas do crime vai se alargando. Os depoentes não se restringem aos famosos erros ortográficos e aos mais variados solecismos, mas demonstram grande preocupação com a falta de idéias, com a obscuridade com que são expostas, com o vão uso da língua, de modo a denunciar mais uma certa falência de concepção que de execução. Menos mal, embora subsistam pavores com anúncios como "BENDSE BIXA", como se uma leve coceira pudesse destruir o organismo de um atleta acostumado a muitas competições.

Os depoimentos são da mais variada ordem. Para alguns, a língua é concebida como a totalidade das variedades faladas e escritas, e o papel e influência de

cada uma passa pelo crivo. Para outros, a língua é essencialmente encarada como a ferramenta dos escribas de oficio, e neste caso muitos profissionais portugueses têm as orelhas puxadas pelo seu desleixo. Para outros, a língua é antes de mais nada um meio de expressar o que vai pela cabeça, e neste caso a preocupação é mais com o pouco que aí existe do que com o modo com que este pouco é exposto. Uns poucos restringem-se à literatura, e não deixam de assinalar como os grandes escritores, hoje intocáveis, não deixaram de incorporar ao português coisas que até então não lhe pertenciam, sejam estrangeirismos, sejam modismos populares. E não poderia faltar um ensaio sobre as crônicas deficiências do ensino, a improvisação dos professores, seu baixo salário, num texto digno de qualquer brasileiro falando daqui sobre nossas malezas, e não de lá sobre as deles.

Dentre os que aceitam mudanças, alguns o fazem num tom lamentoso, sempre invocando as metáforas biológicas, como se a língua fosse um animal que se alimentasse sem a menor escolha de alimentos e entregasse ao estômago e à vísceras a tarefa da posterior purificação. Não se deixa de lembrar o eterno "nada de excessos", invocando-se, por exemplo, João Araújo Correia : "não concebais neologismos inúteis. Podes morrer de parto!" Os jovens e os pobres são evidentemente os sacos de pancada preferidos, mas não se excluem os amantes dos estrangeirismos da moda, os jornalistas, os políticos, e principalmente os que muito escrevem sem ter o que dizer,

chegando-se a afirmar que a maior ameaça de morte vem da falta de idéias, do linguajar confuso, desleixado, tautológico, estereotipado.

Ainda sobrevivem os que consideram que saber grego e latim é bom para a ortografia, mas há, no outro extremo, os que consideram que a grande ameaça é não ouvir o povo, o verdadeiro criador da língua, passando pelos que acham que o ignorante vivifica-a e o letrado impede seu barateamento, que entre o uso espontâneo e o vigilante, pode-se apostar singelo contra dobrado que vencerá aquele, ou pela afirmação de que as línguas que vivem mais nos livros que nas bocas é que estão mortas.

Enfim, um livro representativo de diversas opiniões, de muitos preconceitos, contendo depoimentos pessoais sobre o modo pessoal de trabalhar a linguagem, ensaios mais eruditos (atenção especial para "Honra e louvor a Acácio, o conselheiro", de Maria da Glória Padrão e para "João de Barros e a língua portuguesa: os vértices do hexágono", de Maria Leonor Carvalho Buescu). É também um livro divertido, pelo menos para certos gostos.

Em especial, lamente-se que a nossa Casa da Moeda não possa ocupar-se de editar livros deste tipo, ocupada que está, em tempo integral, em reeditar cédulas sempre menos valiosas.